

ANESTESIA

**Contributos para a História da
Anestesiologia**

Serviço de Anestesiologia
Hospitais da Universidade de Coimbra

2005

ANESTESIA

NOS HOSPITAIS DA UNIVERSIDADE

Contributos para a História da
Anestesiologia

J. Martins Nunes

ÍNDICE

Prefácio	5
António Lopes Craveiro	
Introdução	7
José Martins Nunes	
Contributo para a História do Serviço de Anestesiologia dos Hospitais da Universidade de Coimbra	11
António Mesquita	
Hospitais da Universidade de Coimbra Serviço de Anestesiologia - lista de anestesistas	24
Anestesistas com Formação nos Hospitais da Universidade de Coimbra Serviço de Anestesiologia	26
Memórias Fotográficas do Serviço de Anestesiologia	28
Testemunhos	61
Agradecimentos	88

PREFÁCIO António Lopes Craveiro

Comemorar os 30 anos da Institucionalização do Serviço de Anestesiologia, é um momento de particular satisfação, tendo em consideração o caminho que foi percorrido e as dificuldades de implantação de uma especialidade que só há pouco mais de meio século se conseguiu individualizar.

O papel importantíssimo e decisivo dos primeiros Anestesistas, o trabalho incansável de todos os que ao longo destes anos contribuíram para o progresso do Serviço e dos jovens que têm a responsabilidade histórica de lhe dar continuidade, constitui mais uma "causa" do que um "projecto", como se refere na introdução deste livro.

É com uma enorme honra que patrocino, como Director de Serviço, esta pequena obra intitulada "Anestesia nos Hospitais da Universidade", "Contributos para a História", em que o Dr. Martins Nunes coordenou uma equipa de Anestesistas que pesquisou e organizou cronologicamente este documento. Agradeço ao Dr. António Mesquita e também obreiro neste percurso, a sua disponibilidade para o encontro com a História, que agora se lança.

Coimbra 15 de Janeiro 2005

A Anestesiologia nos Hospitais da Universidade de Coimbra tem história, princípios e valores. Foi construída pela persistência de alguns, que com convicções fortes e grande determinação conseguiram o reconhecimento que a especialidade merecia.

A Anestesiologia nos Hospitais da Universidade de Coimbra foi obra conseguida e está alicerçada na grande capacidade técnica e científica dos seus fundadores. Homens de notável prestígio e saber foram, na procura da consistência da Anestesiologia, corajosos e convincentes. A Anestesiologia há 50 anos representava apenas um sector no âmbito da cirurgia e era subsidiária quanto bastasse, sem espaço próprio e sem aprofundamento científico.

Enquanto que por essa Europa fora a Anestesiologia se individualizava e ganhava espaço e em Portugal já se esboçavam serviços ou mesmo se institucionalizavam, em Coimbra foi um Cirurgião e Professor Catedrático de Cirurgia, Professor Fernando Serra de Oliveira, homem de saber e inteligência, que encarregou um pequeno grupo de Anestesiologistas de organizar um serviço que pudesse ter um quadro, um projecto e um sonho.

Desde 1950 que prespassava nalguns esse desejo, só conseguido em 1975 com a Institucionalização da Anestesia como Serviço autónomo e com espaço próprio.

Desde então foi percorrido um longo caminho de afirmação científica e organizacional. Os seus sucessivos Directores conduziram-no com visível mestria, nunca cedendo quando estavam em causa os desígnios e os valores da Anestesiologia.

Calcorreou-se um longo, difícil e por vezes angustiante caminho, onde também foi necessário decidir entre pessoas e entre projectos... mas para além de tudo, foi um desafio conseguido.

Passados trinta anos persistem os valores e os princípios, reforçou-se a vontade e o engenho, conquistou-se o respeito e a consideração e valorizaram-se os conhecimentos e a intervenção.

Fui um espectador atento da evolução da Anestesiologia nos últimos 20 anos e sou testemunha de tantas lutas que tiveram sempre como objectivo a boa prática Anestesiológica e o seu ensino, tendo como centro de todo o sistema os doentes que em nós confiaram e a quem servimos.

Se durante estes trinta anos fomos exigentes, determinados e quantas vezes obsessivos,

não tivemos outro objectivo, que não esse. Os Anestesiologistas nunca tiveram projectos pessoais que se sobrepusessem aos da Instituição ou aos seus objectivos. Quando exigimos mais e melhores meios, mais e melhor organização, mais e melhores oportunidades, não exigimos nada para nós mas sim para colocar ao serviço dos nossos doentes.

Alguns de nós estiveram disponíveis para missões de serviço público e mesmo aí não abdicaram destes princípios. Temos ainda um longo caminho a percorrer que é servir, servir e servir.

Entendemos que a Anestesia moderna é também a Anestesia da competitividade, da qualificação e da qualidade.

A Anestesia moderna passa simultaneamente por novos tipos de organização, novos meios de intervenção, tendo sempre como objectivo os nossos doentes com uma Medicina cada vez mais actual, mais oportuna e mais qualificada.

Mas a Anestesia moderna também passa por uma mistura com a cultura e com a sociedade. A cultura é isso mesmo...entender a sociedade nas suas diferenças e nas suas particularidades.

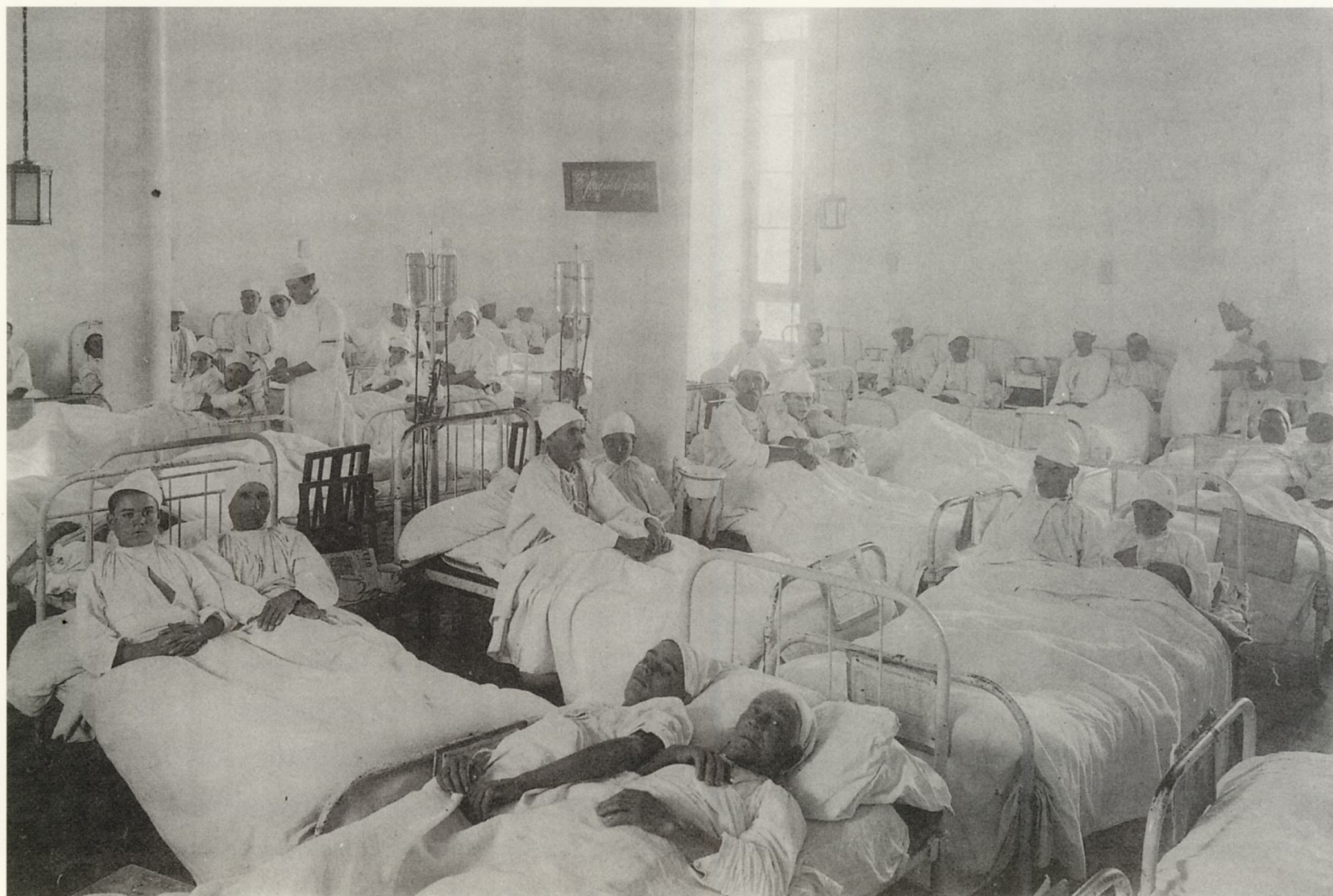
As sociedades modernas têm exigências particulares quer seja na área da dor, nas áreas tradicionais ou em outras áreas de intervenção. Compete-nos entender os sinais da mudança e anteciparmo-nos. Compete-nos transmitir às novas gerações a memória do nosso património cultural e científico e pedir-lhes que o mantenham intacto, pois é o maior testemunho de como com homens de excepção se construiu um Serviço cuja matriz é o cimento da nossa razão.

Reunir num livro alguns contributos para a compreensão da história da Anestesia dos HUC é prestar um bom serviço à razão dos nossos objectivos e entender o Serviço de Anestesiologia não só como um projecto, mas também como uma causa.

A globalização da Ciência ensina-nos mais do que esperaríamos e o investimento no conhecimento é, não só uma necessidade, como também uma exigência. Os jovens Anestesistas terão que ter a noção que hoje a especialidade goza de indiscutível prestígio, conseguido à custa de muito rigor, perseverança, seriedade, conhecimento e também muita, muita atenção. Ciclicamente somos abalroados por incompreensões ou desconhecimento e quantas vezes por ingratidão ou pela tentativa de limitar procedimentos ou áreas de influência. Somos o que somos, porque nunca nos vergámos nem ao pessimismo nem à adversidade.

Coimbra Janeiro de 2005





• Enfermaria nos HUC, início do Séc. XX.

CONTRIBUTOS PARA A HISTÓRIA DO SERVIÇO DE ANESTESIOLOGIA DOS HOSPITAIS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

António Mesquita

Para se fazer a História do Serviço de Anestesiologia dos Hospitais da Universidade de Coimbra, temos que recuar até ao século passado e para ser mais exacto até à segunda metade do Século XX, isto é até à década de 50.

Em 1950 o Dr. Almeida e Sousa, assistente de Ginecologia, faz um estágio em Lisboa durante alguns dias no Hospital dos Capuchos, onde existia um médico – Dr. Victor Hugo Magalhães - que se dedicava exclusivamente à Anestesia. Em 1951 desloca-se a Inglaterra, ao Queen Mary's Hospital" onde aprende anestesia com o Dr. Mac-Bride, sob a orientação do Dr. David Benoriel, onde treina a intubação e a utilização de relaxantes musculares e de protóxido de Azoto.

No mesmo ano vai para Paris, onde permanece quatro meses junto de um dos mais importantes anestesistas da época, o Dr. Ernest Kern. Aprende a utilizar o hexametónio e o pentametónio e a induzir hipotensão controlada. Introduce em Coimbra técnicas específicas de anestesia, sobretudo em Próteses da Anca.

Em 1956 no Hospital da Universidade de Coimbra existiam apenas dois médicos contratados como Anestesistas no seu quadro de pessoal médico. Eram eles os Drs. António Nápoles Ferraz de Almeida e Sousa especialista em Anestesiologia pela Ordem dos Médicos e destacado no Serviço de Patologia Cirúrgica que na época tinha a Direcção do Prof. Doutor Luís Raposo e o Dr. António Ponty Oliva que acumulava a Anestesia com a cirurgia Ortopédica no Serviço de Clínica Cirúrgica, que tinha a Direcção do Prof. Doutor Bissaya Barreto. O Prof. Doutor Bissaya Barreto jubila-se nesse mesmo ano e o Dr. Ponty Oliva pede então a exoneração das funções de Anestesista.

O Dr. Anselmo Carvalhas candidatou-se à vaga disponível, tendo sido contratado. Em 1 de Dezembro de 1956 o Dr. Anselmo Carvalhas é provido no respectivo lugar, ocupando desde então a 2ª vaga do quadro.

Com a jubilação do Professor Doutor Bissaya Barreto, processa-se à reorganização na área cirúrgica, com mudanças nas respectivas Direcções dos Serviços Cirúrgicos da Faculdade de Medicina.

O Serviço de Clínica Cirúrgica passa a ser dirigido pelo Prof. Doutor Luís Raposo que contrata como Anestésista para o seu Serviço a Dr^a Fernanda Cardielos. Para o lugar deixado vago pelo Prof. Doutor Bissaya Barreto é convidado o Prof. Bartollo Valle Pereira, professor da Faculdade de Medicina do Porto, tomando posse no ano de 1957 como Director do Serviço de Patologia Cirúrgica da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra.

O Prof. Bártolo Valle Pereira faz-se acompanhar do Dr. Carlos Tenreiro, cuja formação de Anestesiologia foi feita no Porto sob a orientação do Dr. Ruella Torres.

O Dr. Carlos Tenreiro é assim nomeado em 1957 Anestésista da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, sendo o Dr. Neves da Costa estagiário eventual da Faculdade de Medicina.

Em 1958 o Dr. Almeida e Sousa passou a exercer as funções de Anestésista no Serviço de Propedêutica Cirúrgica, dirigido pelo Prof. Doutor Fernando de Oliveira. Em Janeiro de 1961 a Dr^a Fernanda Cardielos por motivos pessoais e familiares, pede a exoneração do cargo que ocupava no Serviço de Clínica Cirúrgica, indo viver para os Estados Unidos.

A vaga é então ocupada pelo Dr. António Mesquita, que tinha terminado o seu internato complementar em Dezembro de 1960, no mesmo Serviço, tendo posteriormente sido substituído aquando da sua mobilização para Timor, pela Dr.^a Maria Helena Oliveira.

Efectivamente é em 1960 que a Anestesia começou a ter uma evolução notável, decorrente da individualização técnica e científica destes médicos e simultaneamente do aprofundamento do conhecimento da medicina trans-operatória. A Década de 60 é caracterizada pela passagem da designação de "Anestesia" para "Anestesiologia", diversificando competências e ampliando as áreas de influência.

A Década de 60 é também caracterizada pela explosão de solicitações pelos sectores cirúrgicos e pelo crescente interesse de médicos pela aprendizagem da Anestesia.

A partir de 1961 aumenta o número de médicos com competência em Anestesiologia e que se dedicam exclusivamente a esta especialidade.

Davam-se os primeiros passos na autonomização como Serviço independente. A criação de um Serviço passou a ser um objectivo concreto, tendo em consideração que quer a nível Internacional, quer a nível Nacional a tendência era exactamente essa.

É em 1961 que o Dr. Carlos Tenreiro coloca a primeira prótese ventilatória num

doente com tétano, tendo como colaboradores o Dr. Carrington da Costa, o Dr. José David Gomes, o Dr. Amando Porto, o Dr. António José de Oliveira, a que também deu colaboração o Dr. Neves da Costa, dando-se assim início à prática da “Reanimação”, que posteriormente passou a ser designado por Cuidados Intensivos.

O Dr. Carlos Tenreiro candidata – se, assim como candidata os seus colaboradores, a uma bolsa de estágio em Paris, nos Serviços de Anestesia do Hospital Amburgê - Prof. Mollaret - com vista ao treino em reanimação, mas o início da Guerra e a sua mobilização para a Província de Timor impedem o seu estágio.

Quando o Dr. Carlos Tenreiro regressa em Junho de 1963 já não tem condições objectivas para prosseguir o seu trabalho inovador na área da reanimação, pois que os seus colaboradores tinham, entretanto, sem o seu conhecimento, montado uma unidade de reanimação.

Em 1961 os Anestesistas dos HUC organizam no salão nobre do Hospital a Reunião da Sociedade Portuguesa de Anestesiologia, comemorando simultaneamente o seu 10º Aniversário, a que presidiu o Dr. Lopes Soares.

Em Agosto de 1962 o Dr. Anselmo Carvalhas candidata-se a uma bolsa de estudos e parte para Inglaterra para o “Frenkhey Hospital” em Bristol onde estagia num dos mais prestigiados centros de anestesia europeus.

Em 1962 efectua-se nos Hospitais da Universidade de Coimbra a primeira “Reunião do Grupo dos Anestesistas de Coimbra” com vista a uma reflexão sobre a organização e a actividade assistencial e científica. Tal foi a importância desta reunião, que do facto foi dado conhecimento ao Presidente da Sociedade Portuguesa de Anestesiologia Dr. Ruella Torres, através de telegrama.

No mesmo ano deslocam-se a Viena, ao Iº Congresso Europeu de Anestesiologia, dois Anestesistas de Coimbra, o Dr. António Neves da Costa e o Dr. Almeida e Sousa.

A Guerra nas Colónias foi durante 13 anos um “sorvedouro” de jovens médicos, onde na primeira linha estavam os Anestesistas, pela diferenciação e importância que a sua formação tinha no teatro de guerra. Os Hospitais da Universidade de Coimbra deram o seu contributo em todas as frentes de batalha, onde os seus jovens Anestesistas transportavam um enorme sentido de dever, associado a um profundo humanismo, valores notáveis que ainda hoje caracterizam todos quantos aprenderam e trabalham neste serviço Hospitalar. O enorme número de louvores que lhes foram atribuídos pela hierarquia militar, atestam o seu reconhecimento.

Os projectos e planos para a constituição de um Serviço de Anestesiologia foram por esta razão adiados ou preteridos.

A persistência e a força dos Anestesiologistas de então, alicerçados em convicções fortes e em princípios humanistas, eram coerentes com as certezas que possuíam, que uma Organização da Anestesiologia reverteria, indiscutivelmente, em progressos técnicos e científicos, que conduziriam a melhores cuidados de saúde.

Em 9 de Maio de 1966 é elaborado o “Estudo prévio do Serviço de Anestesia” da autoria do Dr. Carlos Tenreiro em cujo preâmbulo se pode ler: “Posto o problema da estruturação dos Serviços Clínicos de Anestesiologia prestados nos HUC, surge como solução única a criação de um Serviço de Anestesiologia”. Trata-se de um dos mais importantes documentos estruturantes da Anestesiologia nos Hospitais da Universidade de Coimbra e é a nosso ver o documento que está na génese da constituição do serviço, anos mais tarde. Neste documento preconiza-se já a organização do Serviço de Anestesiologia em formato de Departamento. Faz-se a análise das razões como base na qualidade, da organização como base na produtividade, da investigação como base do progresso, do ensino como base da renovação, do quadro médico como base da eficiência e das instalações e equipamentos como base da organização. Aponta-se também a necessidade de toda a estrutura do Departamento ter como vértice o Director e os “chefes”, enunciando competências e responsabilidades. Escreve o Dr. Carlos Tenreiro “Com efeito qualquer tentativa de organização de uma actividade estabelece necessariamente relações entre todos os elementos nela envolvidos de modo a constituir-se um grupo com individualidade própria: um departamento, portanto”. Se tivermos em consideração que só muitos anos mais tarde se regulamentaram as carreiras médicas e se implementaram actividades com base em Departamentos, temos a noção quanto importante e inovador é este documento.

No mesmo sentido o Dr. Anselmo Carvalhas pede uma audiência ao ministro da Saúde de então, Prof. Doutor Gonçalves Ferreira a quem entrega pessoalmente um texto com os pontos essenciais sobre esta questão.

Em 21 de Março de 1971 o Conselho da Direcção dos HUC presidido pelo Professor Lobato de Guimarães afirma, por carta, que se propõe estudar a criação de um Serviço Central de Anestesia.

Entretanto a Anestesiologia nos HUC continua a evoluir e a adquirir novos e modernos conhecimentos.

Em 1964 o Dr. Carlos Tenreiro e o Dr. Aquiles Gonçalo fazem a 1ª anestesia regional nos HUC e o Dr. Carlos Tenreiro publica dois importantes trabalhos na área da Anestesia regional: “Bloqueios e Espirometria” é um estudo essencial para a compreensão das

repercussões da anestesia regional na ventilação e dois anos mais tarde publica "Reavaliação da Anestesia Regional". Mais tarde o Serviço de Anestesiologia dá o seu contributo para o sucesso do primeiro transplante renal em Portugal e executado em doador vivo. Em 20 de Julho de 1969 uma vasta equipa de Anestesistas coordenada pelo Dr. António Neves da Costa, constituída pela Dr^a Maria Arminda Rodrigues, Dr.^a Carminda Dias da Silva, Dr. Aquiles Gonçalo e Dr.^a Violeta Moreira integram a equipa cirúrgica chefiada pelo Prof. Linhares Furtado, contribuindo assim para o sucesso desta cirurgia.

Tratou-se de um dia muito especial: o sucesso da Medicina de Coimbra coincidiu com o sucesso da missão Apolo II, pois é nesse mesmo dia que o Homem pisa a lua pela primeira vez.

Quando Neil Armstrong afirma que aquele "momento é um pequeno passo para o homem, mas um grande salto para a Humanidade", termina também o primeiro transplante renal executado em Portugal.

Em Fevereiro de 1972 o Professor Fernando Oliveira inicia um conjunto de formalidades com vista à futura constituição de um Serviço de Anestesiologia, sendo indigitado seu Director interino. Decorrente da sua formação genuinamente democrática e da sua visão estratégica, propõe que os Anestesistas procedam à eleição de um dos Anestesistas como seu adjunto. O Dr. Anselmo Carvalhas obtém a maioria dos votos.

Foi confiada a esta equipa a tarefa de estruturar, organizar e pôr em funcionamento o 1º Serviço de Anestesiologia dos HUC. Esta tarefa "recaiu" essencialmente sobre os "ombros" do Dr. Anselmo Carvalhas. Após cinco anos de exaustivo trabalho, em 1975, com muita dedicação e muito esforço conseguiram-se lançar as bases fundamentais para a sua organização. A obra realizada foi notória obtendo o reconhecimento e louvor do Director Prof. Fernando Oliveira.

Em 1976 o Dr. Aquiles Gonçalo parte para um estágio numa moderna unidade de dor no México - Clínica da Dor do Hospital Geral da Cidade do México - e aí inicia uma longa caminhada na defesa do tratamento da dor, de que resultaria mais tarde, como veremos, a institucionalização de uma unidade de dor crónica.

Em 1975 inicia-se também a implementação dum programa específico de Cirurgia Vascular nos Hospitais da Universidade – Cirurgia II – cujo Director era o Prof. Doutor Fernando de Oliveira. A Dr^a Maria Arminda Rodrigues é então convidada a coordenar a Anestesia nessa área cirúrgica. Em 1978 faz um estágio no Serviço de Cirurgia Vascular do Hospital Universitário de Tours com vista à dinamização da Anestesiologia neste tipo específico de Cirurgia. Foi durante mais de 30 anos a responsável pela Anestesia em Cirurgia

Vascular, tendo acompanhado e dinamizado os progressos anestésicos que permitiram a evolução das técnicas cirúrgicas e o ensino dos jovens Anestesiologistas.

Em 11 de Outubro de 1977 O Professor Fernando Oliveira cessa as suas funções de Director Interino do Serviço de Anestesiologia.

Na mesma data é nomeado o primeiro Director do Serviço de Anestesiologia, escolha que recai sobre o Chefe de Serviço Dr. Carlos Erse Tenreiro.

Assiste-se a partir daí, a um enorme incremento na actividade da Anestesiologia, no plano assistencial, científico e de ensino pós graduado.

A Direcção do Serviço de Anestesia propõe superiormente que "As cirurgias de rotina nas manhãs de sábado sejam suspensas para que estas manhãs sejam destinadas às reuniões de Serviço e à recepção e análise dos planos semanais das operações a realizar nos diferentes serviços cirúrgicos"

É em 1975 que é calculado o primeiro Quadro de Anestesistas com 4 Chefes de Serviço e 18 especialistas, rectificado em 1977, devido às alterações havidas no movimento do serviço. Assim manteve-se o número de Chefes de Serviço e aumentou-se o número de especialistas para 27.

Em 1 de Agosto de 1977 é publicada a Ordem de Serviço nº 9/77 que estabelece o horário de trabalho na Anestesiologia de 6 horas diárias e continuado. (Das 08 às 14 horas)

É também no mesmo ano de 1977 que o Dr. Alfredo Rasteiro realiza o primeiro transplante de córnea, tendo como Anestesista o Dr. Carlos Couceiro e Dra. Isabel Crasto.

Foi também nesta década que foi atribuído ao serviço um espaço físico próprio. Tratava-se de um gabinete do antigo enfermeiro geral, constituído por duas exíguas salas de 9 metros cada rés-do-chão do Bloco operatório.

Assiste-se por parte dos Anestesistas do Serviço à contínua procura de Centros Estrangeiros onde fazem actualização especializada, com vista a possibilitar novos programas de cirurgia. Entre outros, o Dr. Cunha Leal desloca-se para Inglaterra onde estagiou em Anestesia de Cirurgia Cardíaca no National Heart Hospital de Londres e por seu intermédio o Serviço de Anestesiologia dá um importante contributo para com este programa estratégico. O Dr. Manuel Mendes, foi entretanto responsável por esta área. A Década de 70 foi caracterizada, também, pela saída de Anestesiologistas para outros hospitais dando um contributo notável na organização de serviços e na qualificação da especialidade. Recordo o exemplo do Dr. António Neves da Costa que criou e organizou o Serviço de Anestesiologia do Centro Hospitalar de Coimbra do qual foi Director durante mais de 30 anos.

Os Hospitais da Universidade de Coimbra diferenciaram todas as vertentes da Anestesiologia moderna, contribuindo para o desenvolvimento da cirurgia diferenciada e permitindo a evolução de múltiplas técnicas cirúrgicas.

Em 1977 o Conselho Directivo do Hospital nomeia a primeira "Comissão para o estudo e estruturação dos Blocos Operatórios", sendo que o Dr. António Lopes Craveiro é um dos seus elementos. Desde aí que o Serviço de Anestesiologia passou a dar o seu permanente contributo na coordenação do Bloco Operatório.

Em 22 de Maio de 1978 o então Director do Serviço de Anestesiologia Dr. Carlos Tenreiro escreve uma carta ao Conselho de Gerência em resposta à tentativa de ingerência de outros Serviços, nomeadamente cirúrgicos, na actividade da Anestesiologia e na sua organização. Escreve a dado momento "Mal estaremos, se não se cuidar de escolher os anestesistas de molde a evitar carências tão grandes, que venham a justificar o recurso ao Conselho de Gerência para definir prioridades na distribuição do trabalho dos Anestesistas". E dispara em seguida "Posto isto chamamos à atenção e pedimos providencias do Conselho de Gerência para os seguintes pontos que constituem causa remota associada a outras, é certo, do problema agora em causa:

1º Não temos instalações nem biblioteca suficientes para:

- a) Fornecer aos especialistas material, condições e ambiente de trabalho indispensáveis a um progresso minimamente satisfatório.
- b) Permitir acolher com eficácia aceitável o número de internos agora recebidos.

2º A existência de uma sala de recobro é indispensável a um desenvolvimento normal do Serviço.

3º Abertura de uma carreira de enfermagem especializada.....".

Nesta data apontam-se soluções concretas para problemas concretos, constituindo estas solicitações, questões inovadoras e que, como sabemos, foram propostas com uma enorme antecedência.

Em 1979 o Serviço de Anestesiologia lança as bases para o tratamento da dor crónica, por rotina. Em 1981 inicia-se um longo caminho de afirmação da especialidade. A Anestesiologia que estava integrada nos serviços de meios auxiliares de diagnóstico, passa nesse ano a integrar a área de Clínica Médica.

Os Anestesiologistas dinamizaram e diversificaram a sua actividade em coordenação com os diversos Serviços Hospitalares. Em 1982 estabeleceu-se um programa de formação

teórica e prática consistente, a partir de conceitos de interdisciplinaridade e subsidiária a conhecimentos científicos actualizados. Organizou-se a biblioteca do Serviço, constituída por “livros texto” dos grandes mestres da Anestesiologia Mundial e pela assinatura de um vasto e diversificado conjunto de revistas de Anestesiologia. A Dr.^a Carminda Parente é então responsável pela Biblioteca e pelo Arquivo do Serviço. Desenvolveu e incrementou a sua consulta.

A adesão de Portugal à então CEE permitiu a participação de Anestésistas Portugueses nos fóruns de ensino comunitários. Em 1980 o Professor Doutor Anselmo Carvalhas participa na Reunião da F.E.E.A e é nomeado representante Português junto do Comité Internacional. Têm como missão organizar o 9º Centro Europeu da FEEA, com sede em Coimbra.

Em 1989 teve início o 1º Curso da FEEA, que sem interrupção, se vem efectuando anualmente. O Prof. Doutor Anselmo Carvalhas fez-se substituir, entretanto, pela Dr.^a Rosário Órfão e passou a ser o Presidente Honorário do Centro.

Em 1982 é promulgado o Decreto-lei 310/82 que cria e regulamenta as carreiras médicas. Como se afirma no preâmbulo “a carreira médica é uma sequência de graus, que são patamares de conhecimento e diferenciação técnico-científica de responsabilidade crescente, obtido mediante períodos de formação, cursos e provas públicas de competência”.

Em Fevereiro de 1982 o Dr. Anselmo Carvalhas obtém o Doutoramento. Trata-se do 1º Doutoramento Português em Anestesiologia, o que constituiu para o Serviço de Anestesiologia dos Hospitais da Universidade de Coimbra uma grande honra e um enorme prestígio.

O Prof. Doutor Anselmo Carvalhas fez todos os estudos que conduziram a esta diferenciação académica na prestigiada escola Sueca o Karolinska Institut, elaborando a tese intitulada “Relação ventilação/perfusão e mecânica respiratória, sob anestesia”. A partir de 1985 o Serviço de Anestesiologia inicia um processo de colaboração com outros Hospitais, nomeadamente com os Hospitais de Castelo Branco, Figueira da Foz, Lamego, Torres Novas e Viseu, autorizando a deslocação dos seus Anestésistas por pequenos períodos. Consolida-se a vocação de solidariedade e de compreensão dos Anestesiologistas do serviço para com pedidos efectuados quase sempre, em situações dramáticas.

A Década de 80 foi também a época do lançamento e construção no novo Hospital.

O Serviço de Anestesiologia quer por intermédio do seu Director ou dos seus colaboradores teve uma influência marcante na elaboração dos planos funcionais e no apetrechamento dos respectivos Blocos operatórios.

A concepção arquitectónica de suites operatórias, o estudo e o cálculo do equipamento de Anestesia e os critérios para a escolha, foram um desafio permanente à modernidade, que se aponta como exemplo as soluções inovadoras como as que foram encontradas para os circuitos fechados, ou para os equipamentos de monitorização e segurança ambiental.

No Novo Hospital, continuou a diversificação das áreas assistenciais, tais como a clínica da dor, que encontrou em instalações próprias as condições necessárias ao seu desenvolvimento. Em 2 de Janeiro de 1989, sob a responsabilidade do Dr. Aquiles Borronha Gonçalo dá-se início a uma consulta por rotina, da dor crónica.

A instalação da clínica da dor permite ao Dr. Aquiles Gonçalo o incremento das várias vertentes desta actividade e o desenvolvimento das anestésias loco-regionais.

O Dr. António Lopes Craveiro toma posse como adjunto da Direcção Clínica no Conselho de Gerência eleito e presidido pelo Prof. Doutor Norberto Canha em 1982 e mantêm-se em funções até 1985, data em entra em vigor a nova lei de Gestão Hospitalar. Concomitantemente é por seu intermédio que o serviço de Anestesiologia coordena o Bloco Operatório Central, do qual passará a ser Director em 1987.

Em Janeiro de 1991 o Dr. Martins Nunes é nomeado Director Clínico Adjunto, no Conselho de Administração presidido pelo Prof. Doutor Meliço Silvestre.

Em Novembro do mesmo ano aceita o convite que lhe foi dirigido pelo Primeiro-ministro Prof. Cavaco e Silva para Secretário de Estado da Saúde do XII Governo Constitucional. É da sua autoria um conjunto de legislação estruturante para a área da Anestesiologia, de que os HUC também são beneficiários:

- Despacho orientador do SE nº 2/Interno/DGH de 9 de Janeiro de 1992 autoriza um aumento substancial de vagas de internato para a especialidade.
- Criação de um Grupo de Trabalho - por Despacho Ministerial - para a modernização da Anestesia em Blocos Operatórios tendo como responsáveis o Dr. Silva Araújo e o Dr. Paulo Domingos em representação da SPA. Aprova a totalidade das conclusões do relatório quer respeitem ao equipamento mínimo, quer ao controle do ambiente de trabalho.

- Circular Normativa nº 810-292/DGH de 13 de Março de 1992 os Hospitais são instruídos no sentido da aplicação dos conteúdos de segurança: “É uma prioridade absoluta dos conselhos de Administração a manutenção de níveis aceitáveis de segurança nos Blocos Operatórios”.
- Despacho orientador nº 68/92/Interno/DGH promove e incita à transformação dos Serviços de Anestesiologia em Departamentos de Anestesiologia.
- É nomeada uma Comissão presidida pela Dr.^a Manuela Aguiar com a missão de elaborar um projecto na área da humanização. Resulta um documento de extrema importância e com uma incidência específica nos Blocos Operatórios.

O Serviço de Anestesiologia dos Hospitais da Universidade de Coimbra prossegue a sua modernização e reapetrechamento e do ponto de vista de formação dá um contributo notável Nacional ao assumir a capacidade de formação de 6 a 8 médicos por ano.

Por incumbência do Director de Serviço . Dr. Carlos Tenreiro, a Dr.^a Clarinda Chaves Loureiro veio desde 1984 a estudar e a preparar a criação para uma Unidade de Cuidados Pós Anestésicos (UCPA), dando corpo a um propósito do serviço de Anestesiologia, de inovação e requalificação desta área. Nesse sentido fez a sua preparação técnico-científica em Paris, onde estagiou em 1984 na Unidade de Recobro do Hospital Kremlin Bicetrê e no Hospital Bichat e em 1991 e 1992 no Hospital Paul Brusse. É a responsável desde o início por esta unidade, que coordena desde a sua instalação e inauguração em 12 de Fevereiro de 1990 (1ª fase, 10 camas, UCPA Norte) e desde Julho de 2004 (2ª fase, 7 camas, UCPA sul). Foi a primeira unidade de cuidados pós anestésicos a ser criada de raiz a nível Nacional, correspondendo a um avanço qualitativo no tratamento e na modernização da Anestesiologia. Hoje a UCPA é responsável pela assistência a cerca de 5000 doentes anuais tendo vindo a servir como local de formação para anestesistas de outros hospitais. De 1993 a 2003 são formados nos Hospitais da Universidade de Coimbra 72 novos Anestesistas. O ensino pós graduado é consolidado num patamar de exigência e competência, tendo a Dr.^a Carminda Parente como responsável por esta área extremamente importante. Em 2002, por ter terminado funções nos HUC é substituída pela Dr.^a Rosário Órfão que tem vindo a dar o seu contributo para o ensino da Anestesiologia e para o desenvolvimento da Investigação Clínica. Em 1991 inicia-se a preparação da anestesia para um programa de colheita e transplante de fígado pela equipa chefiada pelo Professor Linhares Furtado. No sentido de uma maior qualificação, o Dr.

Joaquim Viana é convidado a organizar e a preparar um grupo de anestesistas com vista a dar resposta à cirurgia de transplantação. Faz um estágio no Massachusset General Hospital – Bóston ainda em 1991 e em 1992 no Medical Center de Pittsburgh.

Em Outubro de 1992 realiza-se o primeiro transplante hepático em Coimbra com a equipa de Anestesiologia coordenada pelo Dr. Joaquim Viana.

Em 1995 O Dr. Carlos Erse Tenreiro que prosseguiu o esforço da autonomização do serviço, modernizando-o, tornando-o prestigiado e iniciando a actividade em todas as vertentes, aposenta-se a seu pedido, sendo substituído na Direcção do Serviço pelo Prof. Doutor Anselmo Carvalhas que se mantém em funções até Fevereiro de 1996. Reforça o ensino pós graduado e os programas assistenciais. Acrescentou prestígio e influência, nomeadamente através de Instituições Comunitárias, que como referi foi concretizado na criação da 9ª área da Fundação Europeia para o Ensino da Anestesiologia.

O Dr. António Mesquita assume a Direcção do Serviço de Anestesiologia até finais de 1997, data em que atinge o limite de idade na função pública, consolidando o Serviço e reforçando a qualificação da prática assistencial num momento particularmente difícil. Lança as bases para a divulgação da Anestesiologia como disciplina com impacto social.

Em 1997 é substituído na Direcção do Serviço pelo Dr. António Lopes Craveiro, que prossegue e amplia a divulgação da Especialidade e, com base nos princípios e valores da Anestesiologia, reforça as bases fundamentais da sua evolução: refiro-me ao aprofundamento do trabalho assistencial, à requalificação dos Anestesistas, à investigação e à diversificação do Serviço. Abrem-se as consultas de Anestesiologia, inicia-se a Anestesia para Trabalho de Parto, estrutura-se a Anestesia de fora do Bloco, abrem-se novas camas de cuidados anestésicos pós operatórios, organiza-se o tratamento da dor aguda, reorganiza-se toda a anestesia da área de Celas. Por outro lado incrementa-se a organização de Palestras, Fóruns e Cursos de reconhecido prestígio Nacional e Internacional.

A generalidade dos eventos científicos Nacionais conta com a presença de Anestesistas convidados dos Hospitais da Universidade de Coimbra quer em Palestras quer em Conferências e os seus internos não raras vezes são reconhecidos com prémios ou menções honrosas das Sociedades Científicas.

A Dr.ª Violeta Moreira que desde há mais de 20 anos coordenava a Anestesiologia em Celas, estimulando a sectorização da prática anestésica e o aprofundamento técnico-científico, foi convidada em 1997 para organizar, implementar e supreentender a consulta externa de Anestesiologia.

Em 2001 o Dr. Joaquim Viana faz o Doutoramento na área da Cirurgia/Anestesiologia, defendendo uma tese intitulada "Alterações cardiocirculatórias nos doentes com polineuropatia amiloidótica familiar, durante o transplante hepático - estudo da sua incidência, etiologia, respostas à terapêutica e modo de prevenção".

Em 2003 é lançado o programa de tratamento da dor aguda, sob a responsabilidade da Dr^a Alda Campos.

Em 2004 o Dr. Martins Nunes coordenou o Grupo de Missão para "Estratégias para o Desenvolvimento da Anestesiologia Portuguesa", com o alto patrocínio do Colégio da Especialidade e da Sociedade Portuguesa de Anestesiologia - concluído com a entrega oficial da versão final ao Ministro da Saúde, em 4 de Janeiro de 2005.

O programa da analgesia do parto teve o seu início em Junho de 1998 tendo como responsável a Dr.^a Maria Emília Mártires. Em 6 anos passou-se de 38,95% de analgesias epidurais para 64% em 2004, o que significa bem a organização e dinamismo que o programa requereu. Outro programa onde os avanços da anestesia foram importantes para a inovação, foi na cirurgia da epilepsia, iniciada em 1997, sendo actualmente os HUC um centro de referência nacional. A Dra. Rosário Orfão é desde o seu início a responsável por esta área.

Dentro da estratégia da abertura do serviço ao exterior conta-se a organização de vários eventos entre eles os Encontros de Anestesia 2000, Conferências de Anestesiologia 2002, Cursos Internacionais de Anestesia Loco-regional 2003 e 2004 e Fórum Dor e Cidadania 2005.

Em 2004 o serviço encontra-se sectorizado da seguinte forma:

Bloco Operatório Central	Director de Serviço, Dr. A. Lopes Craveiro
Sector de Celas	Dr. Martins Nunes
UCPA e equipamentos	Dr ^a Clarinda Loureiro
Dor Crónica	Dr ^o Victor Coelho
Dor Aguda	Dr ^a Alda Campos
Anestesia em CCT	Dr. Manuel Carreira
Transplantes Hepáticos	Prof. Joaquim Viana
Anestesia fora do Bloco	Dr. Pedro Ribeiro
Org. de recursos humanos	Dr. Matos Campos
Anestesia em C. Pulmonar	Dr. Hélder Martinho e Dra. Fátima Figueiredo
Analgesia do Parto	Dr ^a Emília Mártires
Ensino pós graduado	Dr ^a Rosário Órfão
Biblioteca	Dr. Hélder Martinho

Aqui fica o meu contributo para a História da Anestesiologia de Coimbra. Tentei ser rigoroso e sintético como foi o propósito do convite da Organização deste evento, em boa hora designado por "Tributo aos 30 anos do Serviço de Anestesiologia".

Não foi possível falar aqui do trabalho importantíssimo de todos os outros Anestesiologistas deste Hospital. Contudo gostaria de vos dizer que sempre foi a matriz da Anestesiologia de Coimbra o trabalho de equipa, a solidariedade e a lealdade. Desde os longínquos anos da década 50 que sempre nos unimos para consolidar a especialidade e servir a Instituição. Sempre tivemos como único objectivo criar as melhores condições para a evolução e o progresso das técnicas cirúrgicas. Sempre entendemos que a defesa que fazemos do Serviço de Anestesiologia é a melhor forma de servir os nossos doentes.

Por fim e os últimos são os primeiros, queremos recordar todos os Anestesistas que já não estão entre nós, mas dos quais temos uma imensa saudade.

Recordo assim:

Dr. António Lameiras,

Dr.^a Fernanda Sá Pereira,

Dr. Luíz Loureiro Abrantes,

Dr. Francisco Bandeira Mateus,

Dr.^a Maria do Rosário Brito Lavoura,

Dr.^a Maria Célia Cruz,

Dr.^a Maria Helena Costa,

Dr. Almeida e Sousa,

Assim como o nosso director interino

Prof. Fernando de Oliveira.

Muito obrigado.

Coimbra 14.01.05

HOSPITAIS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
SERVIÇO DE ANESTESIOLOGIA
LISTA DE ANESTESISTAS

CHEFES DE SERVIÇO

Dr. António Lopes Craveiro -Director de Serviço
Dr. José Luís Cunha Leal
Dr^a. Clarinda Loureiro
Dr^a. Maria Emília Mártires
Dr. José Martins Nunes
Prof. Joaquim Viana
Dr^a M^a. Rosário Órfão

ASSISTENTES GRADUADOS

Dr. David Matos
Dr. Gildásio Cabrita
Dr. Victor Campos
Dr. Victor Coelho
Dr^a. Alda Campos
Dr^a. Graça Couceiro
Dr. Carlos Bento
Dr. Helder Martinho
Dr. José Fernando Gonçalves
Dr. Luis Carlos Assunção
Dr. Luís Matos Campos
Dr. Manuel Seixas
Dr. Manuel Carreira
Dr^a. Adelina Sampaio
Dr^a. Ana Valentim
Dr. Abrantes Campos
Dr. José Freitas
Dr. Pedro Ribeiro
Dr^a. Isabel Delgadinho
Dr^a. Ausenda Romão
Dr^a. Margarida Marques
Dr^a. Amélia Amaro
Dr^a. Maria De Lurdes Bela
Dr^a. Maria Do Carmo Coimbra
Dr^a. Maria Guiomar Vasconcelos
Dr^a. Maria Inês Simões
Dr^a. Maria Piedade Gomes
Dr^a. Maria Teresa Almeida E Sousa
Dr^a. Maria Teresa Almeida Martins
Dr^a. Maria Fátima Figueiredo
Dr^a. Helena Vieira
Dr^a. Olga Mendes
Dr^a. Silvia Neves

ASSISTENTES

Dr. Acílio Marques
Dr. António Augusto Martins
Dr^a. Luisa Isabel Silva
Dr. Carlos Seco
Dr^a. Conceição Martins
Dr^a. Isabel Tourais
Dr^a. Joana Carvalhas
Dr^a. Maria Adelaide Tavares
Dr^a. Valentina Pinho
Dr^a. Carla Retroz
Dr^a. Fátima Costa
Dr^a. Paula Capelo
Dr. Manuel Cuervo
Dr^a. Margarida Pereira (eventual)
Dr. Edgar Semedo (eventual)
Dr^a. Claudia (eventual)
Dr^a. Luciane (eventual)
Dr^a. Paula Pereira (eventual)
Dr^a. Sónia Abrantes (eventual)
Dr. Fernando Pinto (eventual)

INTERNOS

1º Ano

Dr. Fernando Manuel Frade Domingos
Dr^a Gisela Margarida Monteiro Dias Costa
Dr. Nuno Vitor Costa Matos Franco
Dr^a Sandra Patrícia Marques Sousa
Dr^a Sónia Cristina Gonçalves Bento

2º Ano

Dr. Bernardo Gaspar C. Ralha
Dr^a. Carla Sofia Cavaleiro Rodrigues
Dr. João Miguel C. Gil Reis
Dr^a. Sandrina Salgado Martins
Dr^a. Teresa Alexandra S.C.Lapa

3º Ano

Dr. Jaime Vaquero
Dr. Miguel Santamarina
Dr^a. Noemi Gonzalez
Dr. Pedro Renato Trincão
Dr^a. Sónia Carina Teixeira
Dr^a. Dora Oliveira
Dr^o. Paula Ferreira

4º. Ano Internato

Dr^a. Ana Luisa Veiga Macedo
Dr^a. Carmen Pilar Juanes
Dr^a. Isabel Cristina Pereira
Dr^a. Mafalda Cristina Martins
Dr^a. Maria Margarida Anastácio

4º Ano (Fim de Internato)

Dr^a. Catarina Dourado
Dr^a. Maria José Conde
Dr^a. Margarida Carvalho
Dr. Paulo Taime
Dr. Sérgio Baptista

**ANESTESISTAS COM FORMAÇÃO NOS
HOSPITAIS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
SERVIÇO DE ANESTESIOLOGIA**

Águeda Gutierrez
Alexandra Borges
Alexandra Guedes
Alexandre Burkekov
Alicia Romero
Ana Cristina Matos Ferreira
Ana La Fuente
Ana Maria Santiago
Anselmo Carvalhas
António Cruz Mesquita
António Neves Costa
António Román
Aquiles Borronha Gonçalo
Arlete Azinhais
Beatriz Campos
Cândida Miranda
Carla Mourato
Carlos Couceiro
Carlos Erse Tenreiro
Carmen Pilar
Carminda Dias da Silva
Jorge Cristóvão
Cunha Leal
Décio Sousa
Elisa Gouveia
Emídio José L Dionísio
Fátima Gonçalves Pereira
Fernanda Ferrão
Fernando Matos
Filipe Reis Antunes
Gabriel Nunes Ferreira
Graça Maria Amado
Guilherme Jorge
Helena Oliveira
Ignácio Marin
Ilda Santos
Isabel Pascoal
José Gonçalves Aguiar
José Augusto Figueiredo da Silva
José Veiga

Juan Maria Marcos
Julião Sarmiento Vasconcelos Castro Pinto
Laura Maria R Portugal Neto
Leonor Pinho
Lubélia Pegado
Luís Lousano
Maria de Lurdes Almeida Coelho
Maria Arminda Rodrigues
Maria de Deus Andrade Pimenta
Madalena Rola Pereira
Manuel Jesus Mendes
Maria Margarida Delca Santos
Margarida Santiago
Maria Margarida Alvão Serra
Maria Armanda Mega
Maria Carmen Ávila Mayolin
Maria Isabel Crasto
Maria Jesus Garcia
Maria José Fagundes
Maria Luís Rodrigues
Marisol Montes
Matos Godinho
Natália Rebelo
Pablo de La Rica
Paula Cristina Nunes
Paulino Fervienza
Pedro Rebelo
Pires Reis
Regina Santos
Reinaldo Santos Almeida
Rosete Nunes Celorico
Rui Pratas
Rui Teixeira de Araújo
Luís Sá Pereira
Sandra Veríssimo Gestosa
Sofia Beirão
Vera Cruz Costa
Victor Almeida
Violeta Moreira



• Claustros do Hospital da Universidade de Coimbra, 1952

MEMÓRIAS FOTOGRÁFICAS DO SERVIÇO DE ANESTESIOLOGIA

LEGENDAS DAS FOTOGRAFIAS

(de cima para baixo)

- Dr. Almeida e Sousa, 1952
- Dr. Almeida e Sousa - Reunião de Curso, 1953
- Dr. Ponty Oliva, 1950
- Dr. Ponty Oliva
- Dr. Lopes Soares - Reunião em Coimbra da Sociedade Portuguesa de Anestesiologia - 10º Aniversário, 1961
- Dr. Lopes Craveiro, 1965

(página seguinte)

- Hospital da Universidade - Edifício S. Jerónimo, 1952









• Dr. Neves da Costa e Dr. António Lameiras, 1962



• Aspecto de uma sala de operações dos H.U.C., 1965



• Dr. Neves da Costa, 1963



• Dr. António Mesquita, 1963 - Timor



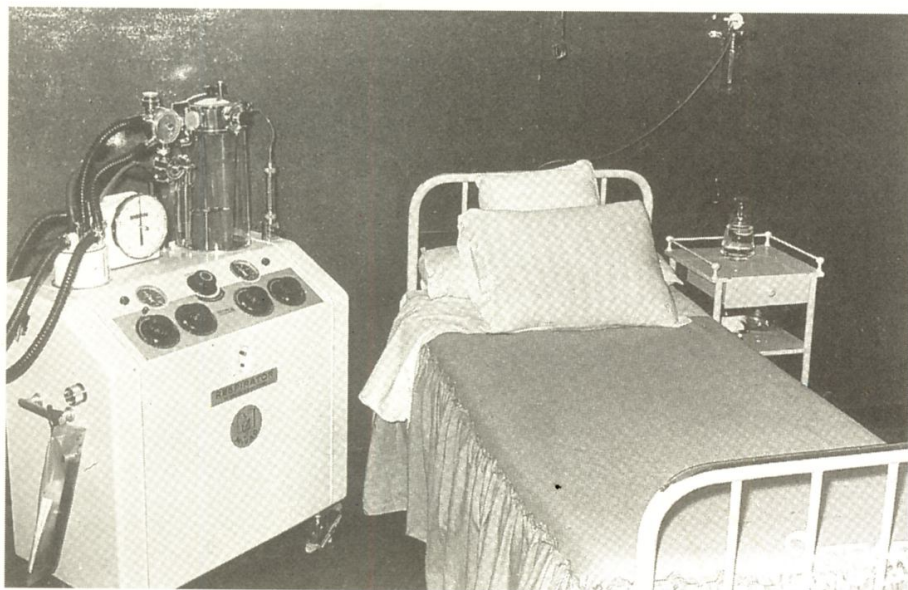
• Coimbra - Ponte de Sta. Clara



• Hospital da Universidade de Coimbra - Entrada de S. Jerónimo, 1955



• Dr. Carlos Erse Tenreiro - 1º Director do Serviço de Anestesiologia



• Primeiro aparelho de ventilação Engströmm, 1961



• Dra. Maria Arminda Rodrigues



• Dr. Carlos Tenreiro e Prof. Doutor Bartolo Vale Pereira



• Dra. Fernanda Cardielos, 1966

Dr. TAVARES

Estudo prévio de Serviço de Anestesia

Posto o problema da estruturação dos serviços clínicos de anestesiologia prestados nos H.U.C. surge como solução única a criação de um serviço de anestesiologia.

Com efeito qualquer tentativa de organização de uma actividade estabelece necessariamente relações entre todos os elementos nela envolvidos de modo a constituir-se um grupo com individualidade própria: um departamento, portanto.

Poderia pensar-se que no caso particular da anestesia a existência de tantos grupos anestésicos quantos grupos cirúrgicos resolveria o problema.

Todavia a grave insuficiência desta solução é claramente concluída da comparação dos seus resultados com os de um serviço de anestesia. O que pode este fornecer? Isto é, quais são as funções de um serviço de anestesia?

Distinguem-se facilmente 3 razões:

- uma função executiva: - fornecimento do pessoal e material para o exercício de actos inerentes à especialidade.
- uma função de ensino: preparação de novos especialistas.
- uma função de investigação, absolutamente indispensável ao seu nível mais modesto: selecção e valorização de novas técnicas apresentadas em centros avançados.

Analisamos detalhadamente cada uma destas funções, avaliando a possibilidade do seu desempenho, sem a existência de um serviço de anestesia.

Pelo que diz respeito à primeira, quer dizer ao exercício prático da anestesiologia verificamos que compreende:

- 1º - execução de anestésias, propriamente ditas, gerais ou regionais destinadas a possibilitar:



• Dr. Bandeira Mateus, 1934-2002



• Claustros do Hospital da Universidade de Coimbra, 1968



• Dr. Luiz Loureiro Abrantes, 1925-2000



• Dra. Carminda Parente



• Dra. Maria Arminda Rodrigues



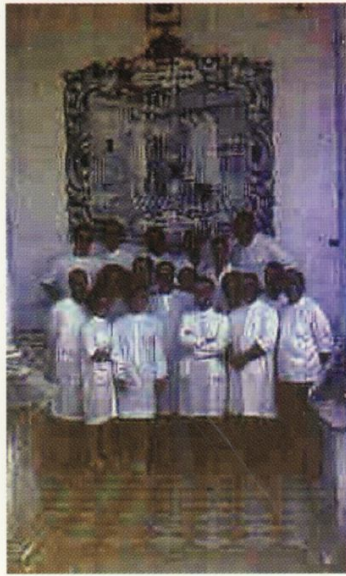
• Dra. Maria Arminda Rodrigues e
Dra. Violeta Moreira



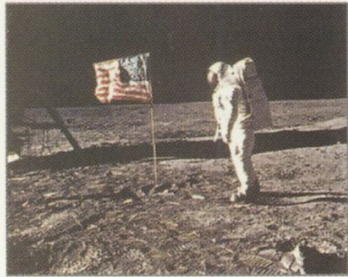
• Dra. Carminda Dias da Silva



• Dr. Cunha Leal



• Equipa cirurgica e anestésica - primeiro transplante renal, 1969



• 20 de Julho de 1969
"É um passo pequeno para o Homem mas um grande salto para a Humanidade"



• Jornais "O Primeiro de Janeiro" e "O Século" - 20 de Julho de 1969



• Dra. Carminda Parente e Dr. Aquiles Gonçalo



• Dra. Carminda Parente e Dr. Aquiles Gonçalo



• Tomada de posse do Dr. Martins Nunes como
Secretário de Estado da Saúde do
XII Governo Constitucional - Novembro de 1991



• Doente com anestesia epidural (arquivo do Dr. Aquiles Gonçalo)



• Dra. Clarinda Loureiro, 1984



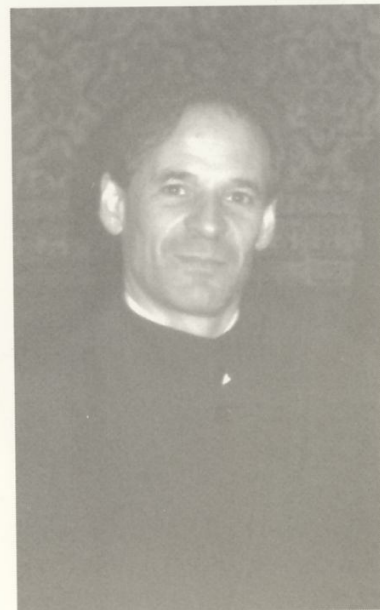
• Dra. Rosário Orfão



• Dr. A. Craveiro, Dra. Carminda Parente e Dra. Violeta Moreira



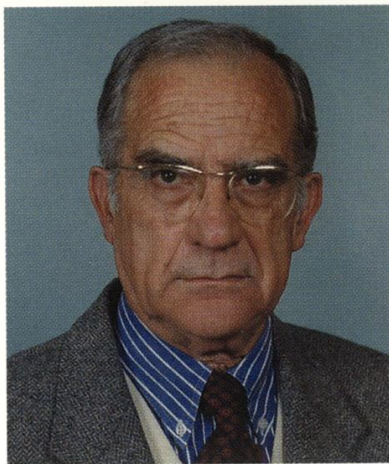
• Dra. Maria Arminda Rodrigues, Dra. Carminda Parente e Prof. Anselmo Carvalhas



• Prof. Joaquim Viana



• Equipa cirúrgica e anestésica
- primeiro transplante hepático, 1992



• Dr. António Mesquita



• Dr. Carlos Erse Tenreiro



• Inauguração da Unidade de Cuidados Pós Anestésicos (UCPA), 1992
Enfermeira Manuela, Dra. Clarinda Loureiro e Dra. Paula Cabral.

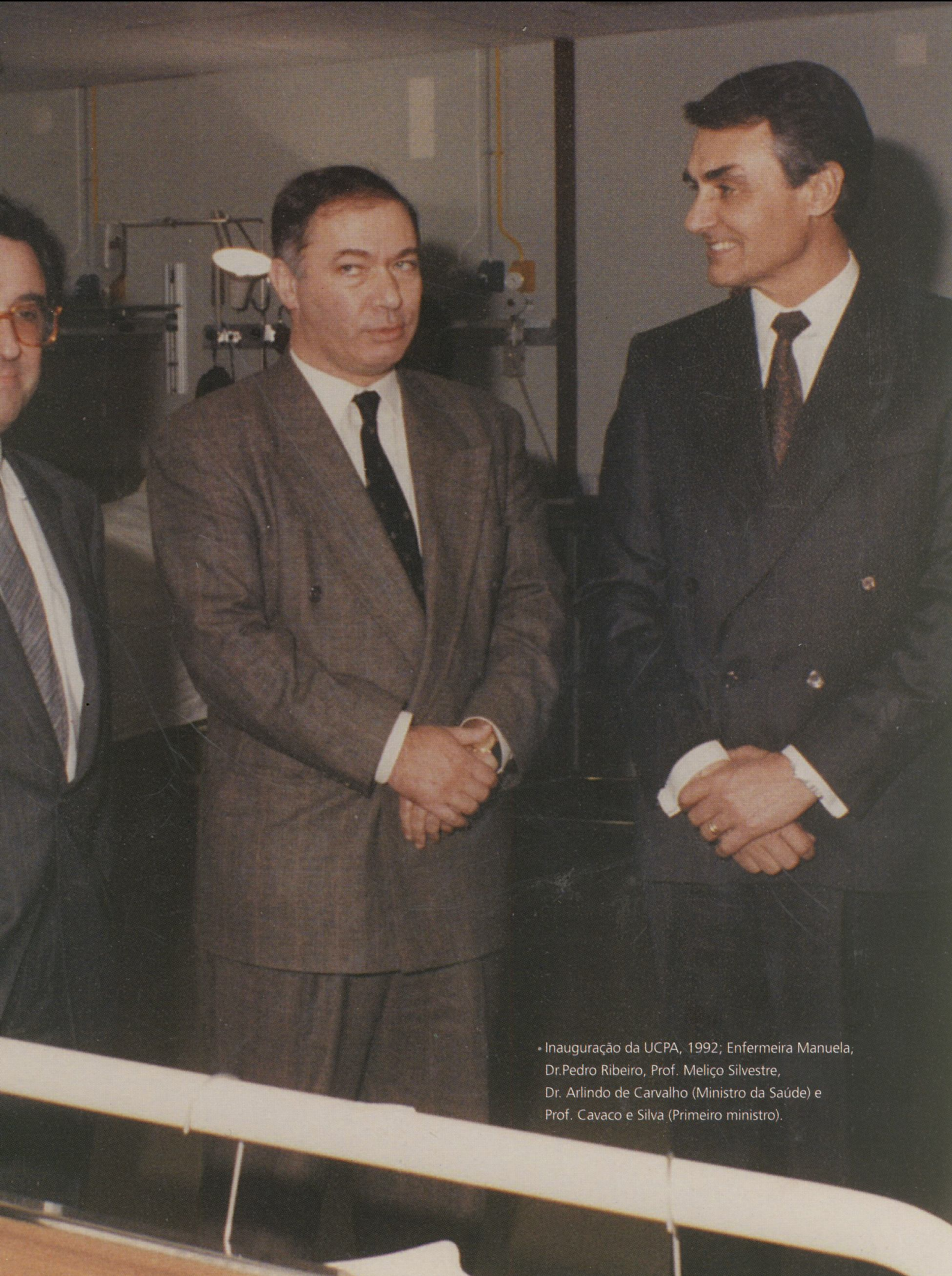


• Dr. Manuel de Jesus Mendes



• Visita à UCPA, 1992; Prof. Castro e Sousa, (Director clínico adjunto),
Prof. Meliço Silvestre, (Director do Hospital), Dr. Martins Nunes, (SES) e Prof.
Cavaco e Silva (Primeiro Ministro).





• Inauguração da UCPA, 1992; Enfermeira Manuela, Dr. Pedro Ribeiro, Prof. Meliço Silvestre, Dr. Arlindo de Carvalho (Ministro da Saúde) e Prof. Cavaco e Silva (Primeiro ministro).



• Dr. Carlos Erse Tenreiro, Dr. Aquiles Gonçalo e Dr. A. Lopes Craveiro



• Dra. Clarinda Loureiro
- Congresso Anestesia XXI, Lisboa 2000



• Dr. A. Lopes Craveiro
- Congresso Luso-Brasileiro de Anestesiologia, 2000



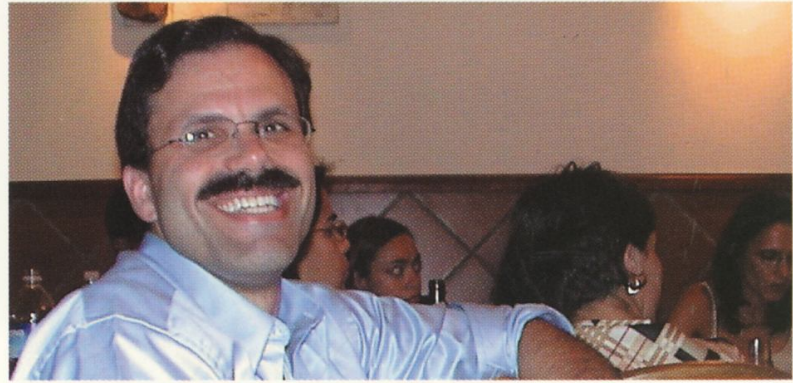
• Dr. Martins Nunes, Dr. Paulo Domingos, presidente da S.P.A. e Dr. Carlos Parsloe presidente da Federação Mundial de Anestesiologia, Congresso Português de Anestesiologia - 1992.



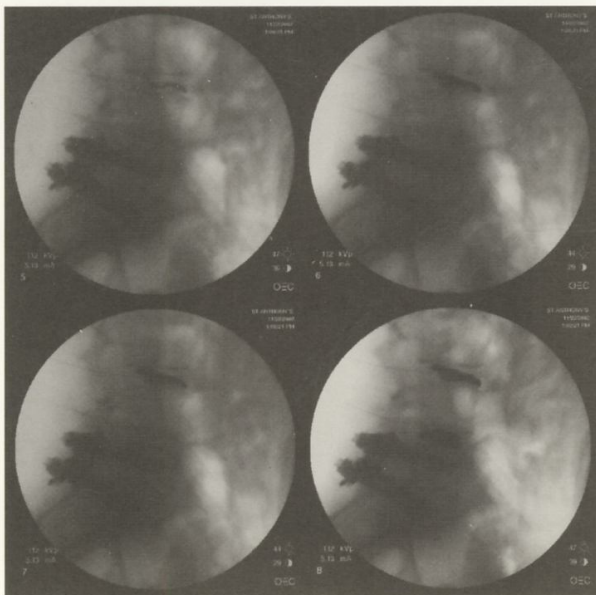
• Dr. A. L. Craveiro, Dra. Carminda Parente e Dr. Pires dos Reis, Festa de Natal, 2000



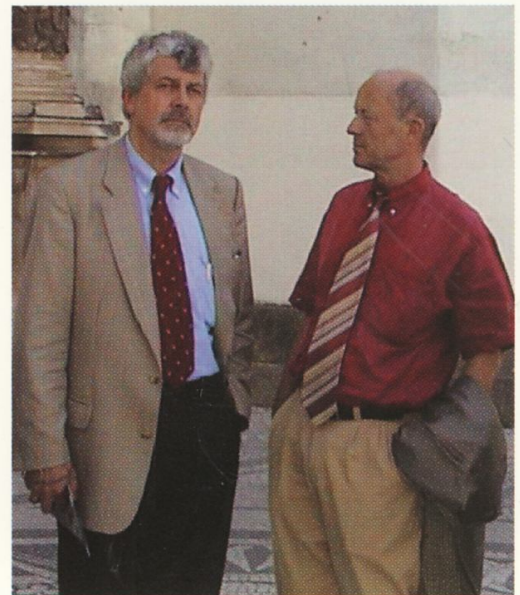
• Dr. Martins Nunes e Prof. Josué Gabriel no St. Anthony Memorial Hospital - Ilianois, 2002



• Prof. Robert Prince
1º Curso Internacional de Anestesia loco-regional, 2003



• Primeira Discografia com bomba bária executada nos HUC (1º Curso Internacional de Anestesia loco-regional, 2003)



• Prof. M. Mölmann e Prof. Merckens - 1º Curso Internacional de Anestesia loco-regional, 2003



• Dra. Emilia Martires



• Dra. Laura Bertinni e Dr. A. Lopes Craveiro
2º Curso Internacional de Anestesia loco-regional, 2004



• Dra. Luccia Capellaro e Dra. Paula Capelo
2º Curso Internacional de Anestesia loco-regional, 2004



• Dr. A. Lopes Craveiro e Dr. António Mesquita, 2004



• Dra. Laura Bertinni nos HUC, 2004



• Conferências de Anestesiologia, 2002
Ministro da Saúde, Dr. Luís Filipe Pereira



• Ciclo de Conferências de Anestesiologia, 2002





Novo Hospital da Universidade de Coimbra, 1989

Prof. Doutor Fernando Oliveira

Director interino de Anestesia

1972 - 1977



Dr. Carlos Erse Tenreiro

Primeiro Director do Serviço de Anestesiologia
1977 - 1995



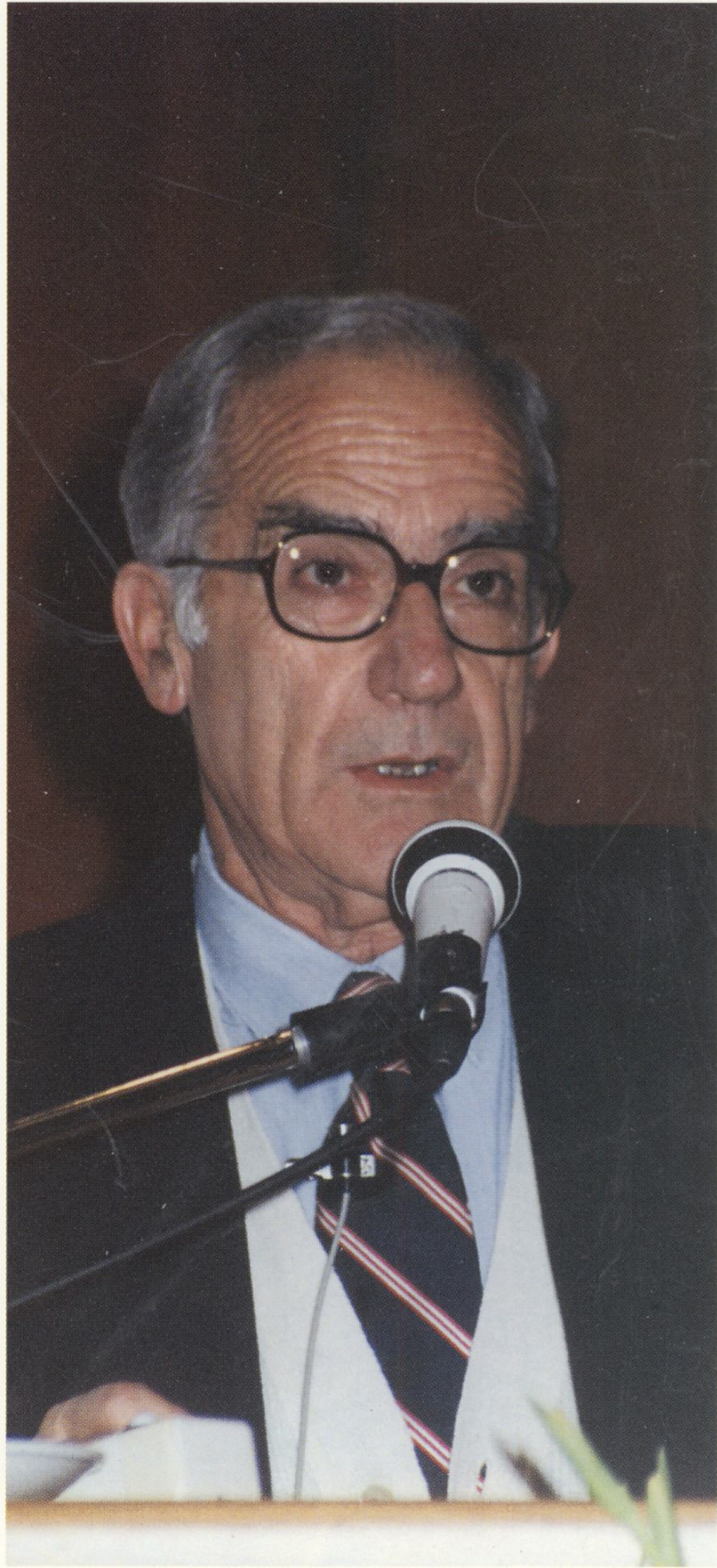
Prof. Doutor Anselmo Carvalhas

Director do Serviço de Anestesiologia
1995 - 1996



Dr. António Mesquita

Director do Serviço de Anestesiologia
1996 - 1997



Dr. António Lopes Craveiro

Director do Serviço de Anestesiologia
1997 - 2005



TESTEMUNHOS

O poder da dor
Sílvia Brito

Memórias de uma anestesia
Albano Silva Pereira

Diálogo de depois
Anónimo

Insensíveis são os doentes anestesiados
Artur Agostinho

É o sentir ser levado...
Carlos Carreiro

Sobrevivi!!!
Mário Silva

...é o roubar dos sentidos...
J. Reiz

Fora de casa
João Dixo

...se fosse poeta...
Júlio Resende

Gratidão
Isabel Marques Mendes

Anestesia
Albuquerque Mendes

Entre o escuro e a claridade
Maria Helena Teixeira

Do Homem e da morte
Madalena Caixeiro

A minha primeira anestesia
Manuel J. Antunes

A parte poética da vida, é pensarmos na vida dos outros
Ruy de Carvalho

O PODER DA DOR

Ninguém diria que uma palavra tão pequena e com um som tão terno, quase ronronante (dor – dôr – dôôr), pudesse significar uma coisa tão diferente.

A minha dor é caprichosa, tem muitas caras, diferentes feitios. É sempre difícil saber como vai ser de cada vez, a cada crise.

Em regra, anuncia-se levemente ao fundo das costas, uma moínha que arranha a sua presença, lança raízes pelos quadris e pelas pernas abaixo, galga sem pudor pelo corpo acima e por ali fica, umas vezes oscilante, incerta, outras em movimento contínuo, outras, ainda, refastelada onde muito bem lhe apetece e durante o tempo que muito bem entende. A dor vê-se — todos os que me conhecem já a conhecem também. Quando chega, o corpo começa a ficar rijo e inclina-se para a frente, os ombros sobem, as pernas ficam duras, como se os joelhos não se pudessem dobrar e, pronto, de repente, já não há como estar — deitada, de pé, sentada, não há posição que se aguarde por mais de alguns segundos.

A dor paralisa a alma. Há muitos fios no corpo que parecem puxar cada um para o seu lado, um torniquete que se enrola sobre si próprio e, com ele, os nossos nervos. O olhar fica baço, a voz tensa — que ninguém se aproxime! — é preciso manter a distância entre a nossa dor e quem nos pergunta por ela; até falar dói.

Tenho de viver com ela — disseram-me.

Tenho de me afeiçoar a ela — digo eu. É a única forma de a conhecer e combater.

(Dedico estas linhas a todos o que lidam com a dor e contra ela lutam.)

Sílvia Brito

Encenadora e atriz da companhia de Teatro "A Escola da Noite"



Munições de uma
1955. Diptico realizado

Albano Silva Pereira

Fotógrafo

Coimbra, 2005



restoria non A.V.C. em
do em janeiro de 2005

[Handwritten signature]

DIÁLOGO DE DEPOIS...

- Sonhei, sonhei tanto. Sonhei um sonho muito bonito! Pensava que ia sonhar com o meu amor perdido, mas não! Tive um sonho muito bonito, sonhei com a Guerra!
- Sonhou com a Guerra? Mas isso não é um sonho bonito!
- Sim tive um sonho muito bonito, sonhei com a guerra. Sonhei como evitar a guerra. Sonhei como fazer a Paz.

Anónima

(Recolhido por Beatriz Campos)

2002

INSENSÍVEIS SÃO OS DOENTES ANESTESIADOS

Apesar de estar à beira dos 84 anos, não têm sido muitos os meus contactos com a anestesia mas foram, pelo menos, os suficientes para poder comprovar a definição da anestesia referida em qualquer dicionário ou enciclopédia.

Foi na adolescência que, por força de algumas pequenas cirurgias dentárias, travei conhecimento com a chamada “anestesia local”. Delas apenas recordo vagamente que me provocavam uma desagradável sensação de “encortiçamento” nas gengivas, largamente compensada pela ausência de qualquer dor.

Muitos anos mais tarde experimentaria a estranha sensação de uma espécie de viagem ao Além, com a particularidade feliz de me ter sido assegurado o regresso. Embora já sob a acção da medicação pré-operatória, lembro-me perfeitamente do momento em que fui transferido da cama para a maca que me levaria ao bloco operatório. Recordo-me de ter ouvido, algum tempo depois, alguém dizer “agora a máscara” e, finalmente, das palavras que me foram dirigidas por alguém, da equipa médica: “Acorde!” O Sr. já foi operado !” . Embora me tivesse parecido que as duas frases foram proferidas uma imediatamente a seguir à outra, a verdade é que entre elas tinham decorrido cerca de quatro horas. Felizmente, sem dores nem angústias de qualquer espécie.

Hoje, sempre que falo de tudo isto, dou comigo a pensar no que terá sofrido a famosa Rainha Vitória de Inglaterra quando, no longínquo ano de 1847, teve de ser sujeita a uma dolorosa cirurgia, mesmo tendo em conta o facto de ter sido beneficiada pela primeira anestesia com clorofórmio que ficaria, por isso mesmo, conhecida como “anestesia à la Reine”.

A terminar: há quem afirme que alguns médicos são insensíveis mas a grande verdade é que insensíveis mesmo são os doentes anestesiados.

Artur Agostinho

Profissional da Comunicação Social

Coimbra, 2004

É O SENTIR SER LEVADO...

...É o sentir ser levado, é o frio da sala, a agressividade dos instrumentos, as seringas, os tubos etc

Carlos Carreiro

Pintor

Coimbra, 2004



SOBREVIVI !!!

Mário Silva

Pintor

Coimbra, 2002

As serviços de Assistência
do HUG!



serviços de Assistência
do HUG!

...É O ROUBAR DOS SENTIDOS...

...é o roubar dos sentidos...

...é a morte impedida, é o sonho d'Além, é o acordar logo !

Gostei.

J. Reiz

Pintor

Coimbra, 2003



J-REIZ

FORA DE CASA

Embora de olhos semicerrados, Inácio não tinha muito sono, mas isso não o preocupava minimamente. Estava sereno, pode-se mesmo dizer sereníssimo. O quarto, em tons claros, entre o branco e o verde água passando por algumas “nuances” do cinzento e creme da colcha e de pequenos objectos, recebia do exterior uma luza suave e confiante.

Curioso! ... Nunca lhe tinha ocorrido esta adjectivação para a luz da manhã! Mas realmente em certas manhãs promissoras de bom tempo, uma ou duas antes da aurora, a sensação que sentia ao encher os pulmões com pequenas tiras daquela luminosidade do ar, sabia-o agora, era de plena confiança!

Maria Helena, a sua mulher, sentada ao lado da cama onde Inácio se encontrava descansadamente deitado, segurava-lhe a mão direita entre as suas mãos num confortante aperto carinhoso.

- Como te sentes?
- Óptimo, aguardo apenas que me chegue o sono da anestesia e me venham buscar!
- Inácio, tu já foste operado! Olha quem está aqui.

Encostado à janela de onde provinha a luz, a figura sorridente do médico anestesista, estendia em duas breves frases um gracejo ao surpreso Inácio.

João Dixo (*aliás Inácio*)

Pintor

Coimbra, 2004



Nov. 2004

J. DIXO

...SE FOSSE POETA...

...se fosse poeta escreveria um poema glosando o sentimento de alguém que foi objecto, razão e causa para a repentina solidão, no silêncio e vazio, embora na feliz circunstância de um amparo de inegável eficiência...

...como tal me apaixono pelo ritmo, aquele sinal que é paradigma da vida...

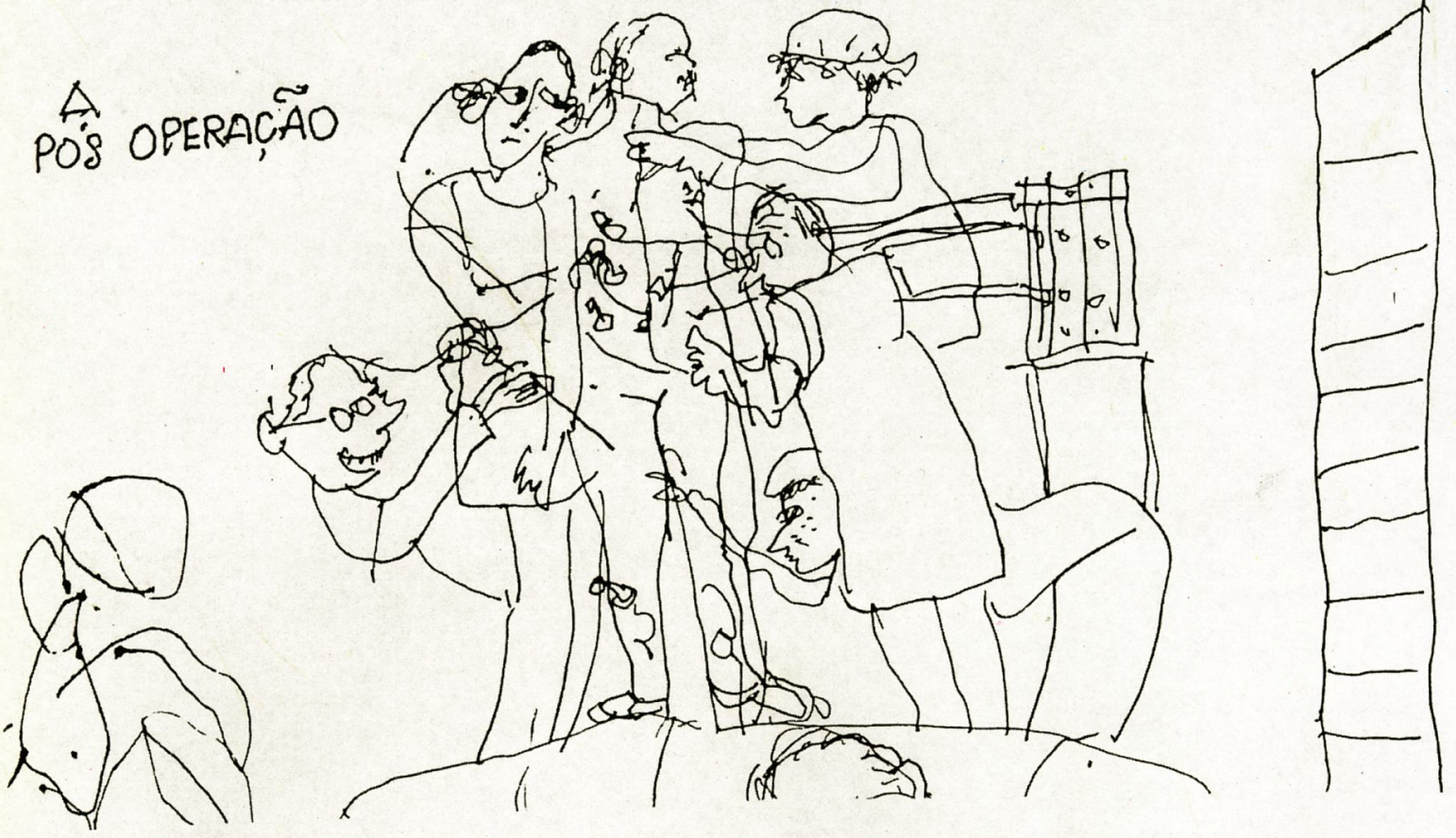
...o reconhecimento de um pintor”

Júlio Resende

Pintor

Coimbra, 2004

A
PÓS OPERAÇÃO



GRATIDÃO

Instalei-me na vida a navegar
Rompendo as ondas que esta vida tem;
E, feliz, desfrutei do azul do mar,
Do encantamento que do mar nos vem.

Mas o meu barco recusou-se a andar
E eu quedei-me na praia, muito aquém,
Olhando com receio ver findar
O sonho de viver – o maior bem!

Foi então que senti quanto valia
Ter encontrado alguém que bem sabia
Prevenir riscos, dar certeza à vida!

Isabel Marques Mendes

Pintora

Coimbra, 2004



ANESTESIA

Amor
Sonho
Luz

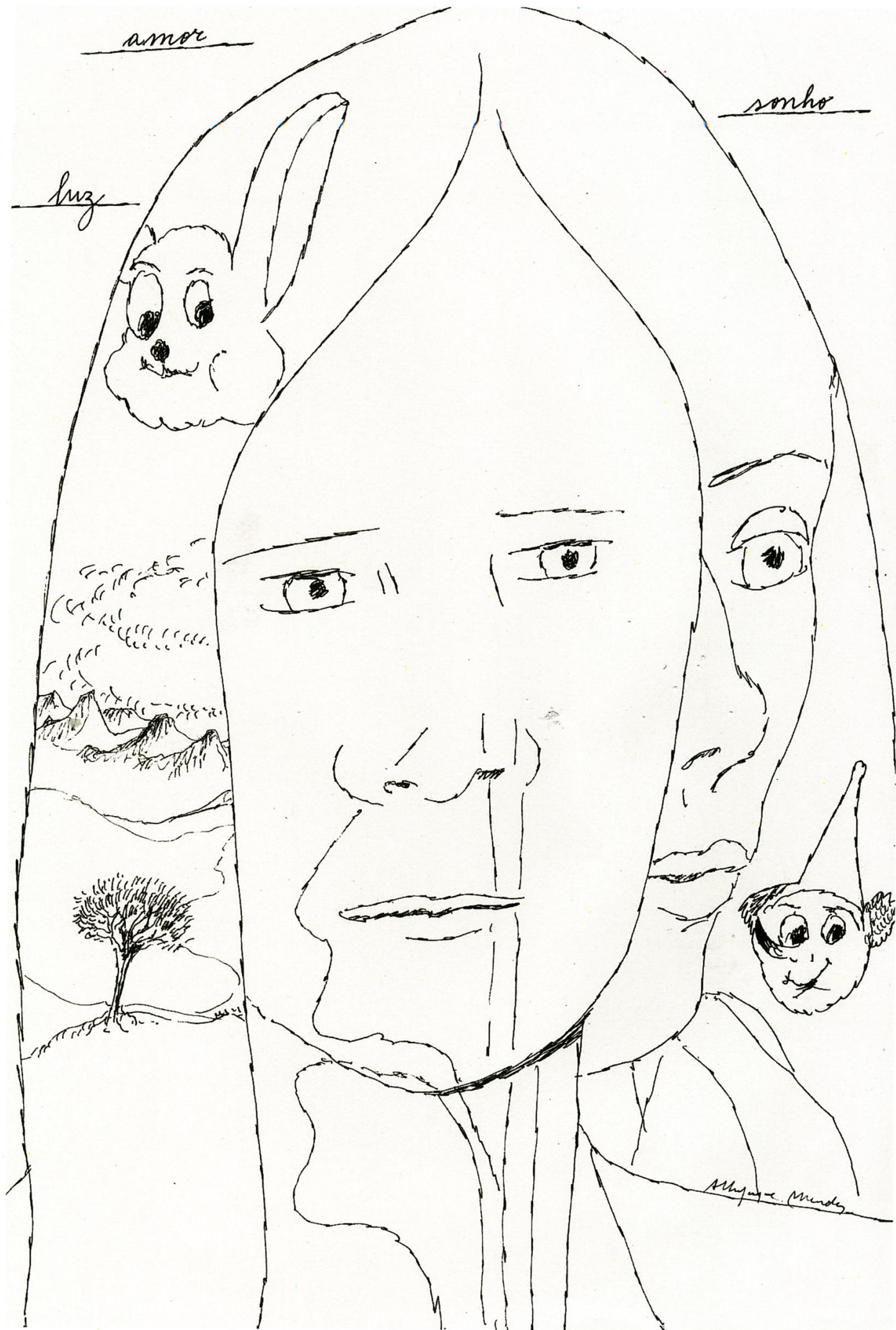
Albuquerque Mendes

Pintor
Coimbra, 2004

amor

sonho

luz



Albuquerque Mendes

ENTRE O ESCURO E A CLARIDADE

Desregulou-se o tempo . . .
Na véspera,
escureceu num quarto número um
do hospital.
Do relógio,
desprenderam-se sombras
com desconforto
e sem deslumbramento.

Por alguns instantes
ele entrou no quarto
e sentou-se junto à cama.
O meu olhar reconheceu-o
um ser normal
igual a todos
os do planeta vivo! . . .
Tomou nota
no livro de registos
do peso dos meus versos
decadentes.

. . .
A noite,
insone,
cumpru-se
enquanto o peito pulsava
sem jeito de poema.
Era a festa . . .
de foguetes de sensações
a implodir
sem conseguir subir.

Era o navegar
nessas sensações
mordida por vislumbres
de terror.
Era uma chuva
de esforços prolongados
com miragens
do vento da morte!

. . .
Era manhã,
Era o dia seguinte . . .

Respondi à chamada
e transpus
o limiar da porta.
O meu corpo jazia
um tronco nú.
Horizontalmente destacado
naquele bosque verde,
entrou na contradança
das palmeiras inclinadas.

Passei
por onde não passei
porque se enrolou
o pensamento.

. . .
Superei os meandros
de um percurso intemporal
e vi nascer a matriz
do triunfo da claridade.

A ALMA ROUBADA

Andam mares
Distantes,
Viajantes.

Ondas grandes
A Ocidente.

Confiança prudente,
Imagem ágil
No pensamento!

O mar,
O mesmo mar,
Mas noutro Continente!

Longe, distante
A voz sumida,
Sentida
E frágil,
Concebida da Amizade
De tantos dias
Na viagem da idade
Daquela manhã
Ainda fria...

Que maldade,
Dormir de dia,
Sem querer.
E só acordar
Quando ela* quiser!

* Ela, a anestesista, entenda-se!

Um pobre doente sem nome
Coimbra, 2002

DO HOMEM E DA MORTE

Perante o mistério da morte, põe-se-nos o problema de saber dum sentido para esse mistério. Isto porque todos os mistérios têm um sentido, como a vida e como os seres, inanimados ou não. Nada existe apenas porque é preciso existir, nem o homem nem as pedras, ou os buxos ou os sons, e tudo tem necessariamente um objectivo que justifica essa mesma existência.

A morte começa no momento da concepção e a vida biológica é a caminhada permanente para o fim. O nascimento marca o conflito do homem consigo próprio que o acompanha até ao momento em que a morte biológica traz a reconciliação do homem com o seu corpo e com o seu espírito. A morte vem anular as paixões, os amores que ficam por resolver, as dúvidas existenciais, as dores físicas, os medos, as angústias, os pavores e também a alegria, a tristeza, o prazer e a felicidade. E isto solitariamente porque ninguém morre na companhia de ninguém. A morte é um encontro a sós entre o homem e a sua circunstância.

Será que no momento da morte a vida vem reclamar todos os seus direitos ? Mas a morte também é um direito e um dever porque é preciso deixar vago um lugar físico no mundo que nessa altura passa a pertencer aos outros.

A morte plena, tal como a vida plena, é encontro e desencontro.

O sentido do mistério da morte depende da maneira como a vida avançou nos seus saltos, nas suas hesitações e nos seus recuos.

O mistério da morte confunde-se pois com o mistério do nascimento e o mistério do ser. Ninguém é ser sem o afundamento. Mas tudo isto nos arrasta para profundas dúvidas.

O Homem tem, entre outros, o dever de ajudar a vida.

Que o Homem tenha a humildade de assumir o que não pode compreender e que, ao mesmo tempo, seja capaz de confessar a quem o procura, preso de angústia:

Eu não sei, mas podemos conversar.

Madalena Caixeiro

Escritora

Coimbra, 2001

A PARTE POÉTICA DA VIDA, É PENSARMOS NA VIDA DOS OUTROS

O primeiro contacto com o doente tem que ser um contacto de meia-cura, em que o doente deverá contar tudo ao médico. Esse é assim um papel bem conseguido pelo Anestesiologista, na visita prévia à intervenção.

Todas as experiências de anestesia que tive foram positivas. Assim andei sempre com o Gedeão nas costas, porque a anestesia geral pára o sonho, mas a Vida pula e avança. Há um interregno..., e quando acordamos, mantemos os mesmos pensamentos de quando adormecemos.

Com a evolução técnica que tem havido, a anestesia já não é uma forma de prejudicar a vida. Parece-me interessante todo o estudo que os anestesiológicos fazem previamente e parece-me maravilhosa a capacidade que os anestesiológicos têm em tirar a dor. Parecem-me também interessantes as opções anestésicas que o doente pode muitas vezes ter.

Recordo-me dos despertares da Anestesia...Tive sempre uma grande ânsia de acordar, mas sem dores, vômitos, agonias ou qualquer outro dos efeitos geralmente atribuídos à Anestesia.

Sou uma pessoa que todos os dias decora textos e utiliza a voz como instrumento de trabalho... Não notei alteração da memória após as anestésias, nem tive problemas com a voz.

A minha experiência de Anestesia nos HUC foi boa. Recebi a parte técnica, bem como carinho no pré e no pós-operatório.

Para o actor, há sempre o nervoso da estreia. Parece-me que o Anestesiologista sentirá, ao ter uma vida nas mãos, a estreia em cada doente.

A parte poética da vida é pensarmos na vida dos outros...

Ruy de Carvalho

Actor

Coimbra, 2002

A MINHA PRIMEIRA ANESTESIA

Talvez não haja ninguém que tema mais a anestesia que um cirurgião!

Desconfiança? Talvez, mas provavelmente apenas a noção de que a anestesia não é mais que uma peça do puzzle complicado que se desenvolve na sala de operações.

Por isso, também eu, passado para além do equador da vida, me sentia algo intranquilo quando chegou a minha vez.

Não, não temia pela vida. Temia a primeira injeção, sentir-me incapaz de respirar antes de adormecer. Temia não conseguir perceber a conversa durante a cirurgia. Temia pela dor, pela náusea, pela agitação, pelo mal-estar ao acordar.



Imaginem, pois, a minha surpresa quando, uns instantes depois (foram duas horas que pareceram menos de dois segundos) ouvi alguém (não sei quem, mas parecia um anjo) a sussurrar-me suavemente:

- Pode acordar, já está tudo feito!

E duas horas mais tarde o cirurgião a perguntar-me se queria comer. Maldade, pensei, perguntar isto a quem tem uma fome tamanha! Então e as náuseas?

-Enfermeira, dê-lhe duas bolachas e um copo de leite.

Quais dores, quais náuseas! Um verdadeiro banquete!

Ele há anestésias assim tão simples....

Manuel J. Antunes

Professor de Cirurgia, Director do Departamento de CCT

Coimbra, 2004



AGRADECIMENTOS

Os Autores agradecem aos Dr. Carlos Tenreiro, Prof. Doutor Anselmo Carvalhas, Dr. Aquiles Gonçalo, Dr. Neves da Costa, Dr. Cunha Leal, Dr.^a Carminda Parente, Dr.^a Arminda Rodrigues, Prof. Doutor Linhares Furtado, Prof. Doutor Fernando José Oliveira, D^a Alcina Oliveira, Dr. Luís de Almeida e Sousa, Dr.^a Teresa Almeida e Sousa, Dra. Júlia Mateus Cunha Gil, D. Lucília Castro Abrantes e Dr. João Serpa Oliva que nos cederam documentos para podermos fazer um pouco de História da Anestesiologia dos Hospitais da Universidade de Coimbra.

Agradecemos também aos Laboratórios Grunenthal, pelo apoio dado para a execução deste livro.

